COMO METER UM ELEFANTE NO FRIGORÍFICO

Sou, claramente, o elefante nesta sala. E, como toda a gente sabe, um elefante sentado numa cadeira, com os olhos dos outros postos em si, não pára de crescer. E quanto mais cresce, mais o elefante se sente desconfortável. O que fazem então os elefantes nestas ocasiões? Falam. Mesmo sem saber bem o que dizem, falam e falam e falam. Isto na esperança de que a coisa se inverta e regressem a um estado mais discreto e mais aceitável, algo como a invisibilidade. Sim, o sonho dos elefantes da minha espécie é serem invisíveis. O problema é que alcançando a invisibilidade, os elefantes começam a lamentar-se que ninguém os nota, que ninguém vê os seus feitos geniais — enfim, uma canseira triste que lembra um fado demasiado familiar. Todos os elefantes como eu aspiram secretamente a ser um Leonardo da Vinci de trombas.

Estamos nesta casa. Uma casa, sim, mas temporária. Talvez todas as casas o sejam, é certo, e o que diferencie esta seja simplesmente a brevidade da vossa passagem por ela. Mas que sei eu, que rapidamente voltarei para o conforto da minha, da forma como cada um de vós vive o tempo e o lugar?! Nada. Quiçá, ainda menos.

Cheguei aqui pelos livros que escrevi e pelos que ajudei a publicar, mas isso foi apenas o pretexto para este nosso encontro aqui e agora. Regressemos antes, e num ápice, a essa primordial casa: a das questões. Quem somos? De onde vimos? Quanto ao para onde vamos, já lá iremos. Então?! Pensavam que eu iria ser o único elefante na sala? Não sabiam que um elefante só relaxa quando encontra a sua manada? Contem lá sobre as vossas leituras: as que fizeram e as que não fizeram, o que vos motiva e o que vos afasta ou afastou dos livros. Ler é, apesar de todas as condicionantes, uma escolha. Uma escolha para quem teve a oportunidade de aprender a ler, claro. E escolher é um exercício de liberdade. Ler é ser livre. Como não amar uma língua que tanto aproxima o livro do livre?

Apesar de trazer a mochila cheia de livros, talvez por prevenção ou narcisismo, vim encontrar nesta sala vários outros. E não me refiro àqueles que atrás de mim compõem a estante que pouco uso tem. Falo desses outros que vos apaixonaram, permanecendo ainda vivos dentro de vós, e que são matéria dos homens que sois, hoje e amanhã. Essa construção permanente que também se pode chamar casa. E dessa ninguém vos pode despejar.

Também eu vou construindo assim a minha. Com experiências e encontros como este, onde me descubro um pouco mais e me imagino mais além. Nesta casa onde a despensa é preenchida, não pelo frigorífico em si, mas pelo desenho de um belo modelo que, quando aberto, nos revela, não um bom bife da vazia ou uma dourada fresquinha, mas o Leonardo da Vinci que de lá salta, vestido com uma camisola do Futebol Clube do Porto?

João Pedro Azul
20 de Maio 2022